

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora Executiva*

LUIZ ORLANDO CARNEIRO — *Diretor (Brasília)*

WILSON FIGUEIREDO — *Diretor de Redação*

DACIO MALTA — *Editor*

ROSENAL CALMON ALVES — *Editor Executivo*

ETEVALDO DIAS — *Editor Executivo (Brasília)*

A Confiança no Ar

Uma inflação elevada e persistente, combinada com uma recessão que só deve ceder em 1993, são os ingredientes mais indicados para um Natal feio. Os brasileiros andam cansados e descrentes, tentados por uma espécie de fatalismo sombrio quanto aos destinos da nação.

Os mestres em tendências e os explicadores profissionais do Brasil se entregam ao pior catastrofismo, projetando o pessimismo deles para o futuro, ao considerar inúteis todos os esforços em curso, ao prever multidões enfurecidas saqueando supermercados, ao profetizar até que o presidente Fernando Collor de Melo não chega ao fim de seu mandato.

Contudo, o cidadão sensível e atento, num auto-exame rigoroso e sincero, está começando a duvidar destes vaticínios. Pressente em seus compatriotas um sentimento difuso, ainda que freqüentemente denegado, de que não estamos, desta vez, repetindo neuroticamente situações passadas, mas vivendo um momento inédito. Há uma suspeita de confiança no ar.

Ele vê claramente que o derrotismo, os cálculos mesquinhos e as profecias perversas, longe de exprimir uma evolução histórica concreta, são sintomas da crise que atravessamos, e não parte de sua solução. Na verdade, estas reações resumem a histeria dos que detestam os sacrifícios exigidos, traduzem o cálculo frio dos manipuladores de índices e de expectativas, refletem o desespero dos adeptos do curto prazo, que só gostam de brigar em causa própria e esperneiam pelo que está acabando, não pelo que começa a nascer.

Por esta ótica reacionária, soam falsas as palavras confiantes de Helmut Kohl sobre o Brasil, quando visitou o país em outubro. Na ocasião, o Chanceler lembrou que as dificuldades são superáveis e citou como exemplo seu próprio país, esfomeado e destruído pela guerra em 1945, hoje uma potência democrática e unificada, no coração de uma Europa unida. Conversa de alemão, dirão os céticos.

Por esta lógica distorcida, seriam hipócritas as palavras de Michel Camdessus, o diretor-gerente do FMI, segundo as quais "silenciosamente, a sociedade brasileira está mudando em profundidade". Camdessus acrescentou, com toda a tranquilidade, que as condições brasileiras lhe pareciam encaminhadas de maneira menos artificial do que as argentinas. Coisas do FMI, segundo os desconfiados.

Este tipo de reação atormentada reflete um sentimento de impotência e pode ser detectada a todo

momento. Recentemente, na seção de cartas do *JORNAL DO BRASIL*, um leitor, indignado com a campanha de um banco que mostra brasileiros comuns declarando acreditar no Brasil, afirmou ser um absurdo colocar a responsabilidade pela situação brasileira no povo, e não no governo. A frase é a exata inversão do desafio kennedyano, segundo o qual o importante, nos momentos decisivos, não é perguntar o que seu país pode fazer por você, mas o que você pode fazer por seu país.

Esta virada, no entanto, está se esboçando. Abandonada a expectativa de choques, pacotes e mágicas econômicas heterodoxas (o que o acordo com o FMI confirma), os agentes econômicos começam gradualmente a mudar de atitude, deixando de lado a exasperação remarcadora. Os juros permanecerão altos e não há inflação que resista à falta de oxigênio monetário. O ajuste fiscal e a recuperação da credibilidade dos títulos públicos completarão o processo de estabilização.

Avança a idéia de que o modelo de desenvolvimento mudou. Os antigos fatores de produção, como terra, recursos naturais, capital, infra-estrutura, foram substituídos pela produtividade e capacidade de inovação. Progride a idéia de que a elevação dos salários, seguindo o aumento da produtividade, beneficia a economia, desenvolve a tecnologia e a sofisticação dos produtos.

Monopólios e cartéis são, agora, encarados como obstáculos à inovação pela ausência de competitividade. O estado está renunciando ao seu papel empresarial, e sinalizando seu interesse pelas áreas da educação e da tecnologia. Seria importante compreender, de uma vez por todas, como diz o professor Michael Porter, de Harvard, que, por mais importantes que sejam as políticas econômicas do governo — para reduzir a inflação, equilibrar o déficit, estimular a poupança —, as condições fundamentais de competitividade estão na microeconomia.

No momento em que desaparece o mundo bipolar, em que se dissolvem os ogres e fantasmas políticos do passado; em que se formam blocos de nações, onde idéias e produtos circulam livremente, os brasileiros saberão mobilizar suas energias e reagir à altura das oportunidades que se abrem neste final de século. Já se disse que não há abismo que engula o Brasil. É bom acreditar nisto. Porque os verdadeiros profetas são os que, em tempos ruins, prevêem dias felizes.